
A dor enquanto paixão*

Paulo José Carvalho da Silva

Propõe-se analisar as noções de dor enquanto paixão presente em alguns escritos expressivos do pensamento pré-cartesiano e da medicina anterior às especializações contemporâneas. Em suma, a dor seria uma paixão própria do humano, manifestando-se no corpo e na alma, sempre referida ou misturada ao prazer, seu contrário por definição. Propõe-se também um breve paralelo com o pensamento freudiano sobre a dor.

Palavras-chave: Dor, paixões da alma, história da psicopatologia, pulsão

* Texto adaptado de palestra ministrada na *Livraria Pulsional – Centro de Psicanálise*, em 22 de março de 2006.

As dores da alma e do corpo eram pensadas sem supor uma descontinuidade no âmbito da filosofia pré-cartesiana e na tradição médica anterior às especializações contemporâneas. Este artigo pretende examinar alguns exemplos de uma concepção de dor enquanto paixão presente nestes discursos. Propõe-se, em específico, uma reflexão sobre as relações entre os conceitos de dor e prazer, bem como sobre algumas implicações clínicas das correlações entre dor, tristeza e melancolia e a dor na dinâmica amorosa a partir de idéias apresentadas por pensadores e médicos de expressiva influência nos séculos XVI e XVII. Propõe-se também um paralelo com as reflexões freudianas sobre as relações entre a dor e as pulsões.

Esta investigação se insere na linha de pesquisa em História da Ciência que se ocupa da reconstrução de saberes do passado sobre as chamadas patologias da alma. As obras escolhidas documentam um modo de pensar bastante difundido em seu tempo, mas que foi esquecido ou relegado a um segundo plano pela historiografia da psicologia e da medicina. O método empreendido consiste no levantamento de fontes originais em acervos, sua leitura e análise comparativa, a fim de apresentar um quadro explicativo sobre a maneira como um dado problema era tratado na época, no caso a concepção de dor enquanto paixão.

O paralelo com o pensamento freudiano não pressupõe nenhum tipo de estudo de influência, identificação de precursores ou continuidade conceitual. Trata-se mais de um contraponto que revela a atualidade da questão e a necessidade de abordá-la sob diferentes pontos de vista para o avanço do conhecimento sobre a psicopatologia.

Na primeira modernidade, diferentes discursos sobre os afetos difundem a idéia de que o prazer e a dor fariam parte conjuntamente da maioria das atividades dos seres vivos e, no caso dos seres humanos, estariam diretamente relacionados às paixões da alma.

Esta noção orienta, por exemplo, o *De l'usage des passions*, publicado em 1641, por Jean-François Senault, um dos mais célebres pregadores franceses de seu século. Esse tratado, oferecido formalmente ao cardeal Richelieu, está fundamentado, sobretudo, na noção de alma e corpo aristotélico-tomista.¹ Em sintonia com São Tomás de Aquino, Senault afirma que a paixão é um movimento natural necessário, que nasce do fato de a alma estar engajada na matéria. Dentre todas, a dor seria a mais incômoda e a mais comum das paixões humanas. Isto, sobretudo, ao se comparar com o prazer.

Todas as partes do corpo humano poderiam sentir dor, ao passo que existiriam poucas capazes de sentir prazer. As penas manifestar-se-iam em conjunto, e os prazeres concorreriam entre si, destruindo-se uns aos outros, tornando o corpo o teatro de seus combates. As dores seriam, em geral, duráveis, já os prazeres seriam momentâneos, principalmente os corporais.

Senault afirma ainda que as dores aparecem sem serem necessariamente procuradas e são indestrutíveis, reincidindo ou renascendo após a sua morte, como a cabeça de uma hidra. Além disso, não haveria prazer sem um pouco de dor. Ou seja, constata-se que os seres humanos são muito mais sensíveis à dor do que ao prazer.

Embora acredite que as paixões, como o amor, a cólera ou o medo, entre outros movimentos da alma, possam ser movidas pela imaginação, a dor, por sua vez, é considerada um mal real, que ataca o corpo e a alma, e provoca duas feridas ao mesmo tempo, devido à “sociedade que a natureza concedeu ao corpo e à alma”.

Em específico, os efeitos das dores dependem de sua intensidade. Quando a dor é mediana ela torna o miserável mais eloqüente, dando palavras para que ele se queixe. A dor extrema, por sua vez, impede o uso dos sentidos, seca as lágrimas e torna os homens estúpidos. A dor longa provoca a perda de interesse pela vida. Já a violenta tem o poder de separar a alma do corpo e causar a morte.

Verifica-se, com efeito, uma continuidade entre a dor do corpo e aquela da alma, por vezes, identificada como tristeza, luto ou descontentamento. É justamente nas considerações sobre o mau uso, ou seja, sobre a não concordância entre a experiência desta paixão e a sua causa, que se apreende este caráter

1. Para esclarecimentos sobre a teoria aristotélico-tomista da alma e das paixões tal como difundida na época moderna, ver, entre outros, Massimi e Silva, 2001 e C. Talon-Hugon, 2002.

ambíguo da dor. É uma dor injustificada, por exemplo, o descontentamento por não possuir bens supérfluos. Os sofrimentos causados pela inveja não teriam pretexto nem justificativa.

Como toda paixão da alma, a dor possui um bom uso ou uma finalidade providencial. Esta seria, fundamentalmente, o arrependimento e o remorso capazes de angariar o perdão divino. Além disso, a dor tornaria o homem sensível ao sofrimento de seu semelhante, sendo, portanto, útil na medida em que engendraria a compaixão e a misericórdia, reafirmando-se como uma paixão própria do humano:

Como o amor próprio nos desregrou, foi necessário que a Providência divina nos tornasse miseráveis pela piedade, para que nos interessássemos pelas misérias alheias; se a dor não nos tocasse, não procuraríamos seu remédio e jamais sonharíamos com curar um mal que nos fosse indiferente. (Senault, 1641, p. 351, trad. nossa)

Mais raro, porém, é encontrar algum discurso do período que admitisse a coexistência do prazer na dor. É o caso, de certo modo, do tratado espiritual *La science de l'âme* de Jacques Lambert (1666), professor de retórica e filosofia em Aix e diretor de vários colégios jesuítas na França. O jesuíta francês afirma que a maior parte das funções animais apresentam uma mistura de dor e prazer, como é o exemplo das cócegas, do alimentar-se quando se sente muita fome ou das lágrimas que podem ser tanto de tristeza como de alegria. E afirma ainda que a dor não exclui completamente a capacidade humana de satisfação:

Eu sustento até mesmo que as maiores dores desta vida são compatíveis com o prazer, pois nenhuma dor é capaz de excluir completamente o prazer de desfrutar de um bem desejado ou aquele que se tem por meio da autocomplacência nas mais fortes das nossas penas. (Lambert, 1666, p. 193, trad. nossa)

A dor e o prazer também estão diretamente relacionados à gênese das paixões da alma, que são consideradas uma das funções internas da alma sensitiva, juntamente com a fantasia e a apreensão dos objetos. Em suma, trata-se de uma dinâmica entre a busca do prazer e a esquiva da dor na produção do amor, do ódio e das outras paixões que se seguem, também descrita por J.-F. Senault em *De l'usage des passions*.

A dinâmica dos movimentos da alma, cujo funcionamento segue a psicologia aristotélico-tomista, obedece à seguinte lógica: se um objeto é apreendido pelos sentidos e chega à fantasia como algo bom, o apetite concupiscível produz o amor por via da simples inclinação. Surge o desejo; com ele, a busca, e por fim, o prazer do gozo desse objeto. Quando a conquista é atravessada por alguma dificuldade, entra em jogo o apetite irascível. Este último, quando os obstáculos

parecem transponíveis, incita à esperança e ao prazer que a acompanha. Ele também produz o desespero quando se julga que o obstáculo ao gozo é incontornável. Mesmo sendo acompanhada de dor, esta paixão auxilia a fazer cessar o desejo de algo que é impossível obter.

Por outro lado, se o objeto apresentado pela fantasia ao apetite lhe parecer mau, ele produz o ódio, que é o contrário do amor; produz ainda a fuga, contrário do desejo, que fará o esforço de evitá-lo. Se esta fuga é bem-sucedida, o que pode ser realizado com a audácia produzida pelo apetite irascível, há o prazer. Já se a dificuldade é muito grande, ocorre o medo, o que pode ser conveniente para não se atacar algo em vão. Enfim, se tal objeto mau atinge o apetite concupiscível, o irascível fornece a cólera para que este se vingue, o que faz sentir o prazer da vingança.

A idéia de dor enquanto paixão ou parte fundamental da dinâmica da gênese das outras paixões da alma, manifesta-se também na noção de dor de viver, muito presente em diferentes discursos do século XVII. Exemplo expressivo deste modo de entender a dor e a vida é o *The Anatomy of Melancholy* do inglês Robert Burton (1577-1640). Segundo o melancólico confesso Burton, a vida cotidiana está repleta de numerosos motivos de dor: esposa, crianças, empregados, mestres, companheiros, vizinhos, nossos próprios defeitos, ignorância, erros, intemperança, indiscrição, enfermidades, entre outros.

Em suas palavras, a vida é dor:

A vida é fatigante e penosa mesmo para aquele que vive o melhor; nascer é uma infelicidade, uma dor de viver, uma pena de morrer; a morte põe um ponto final a nossas misérias, e, no entanto, não conseguimos pensar nela...

Como não existe prazer aqui que não esteja misturado à tristeza, o arrependimento o segue de perto. Se eu me alimento abundantemente, torno-me com frequência doente e enjoado; se vivo frugalmente, minha fome e minha sede não são aliviadas; não me sinto bem nem quando repleto nem em jejum; se vivo honestamente, me queimo de concupiscência; se me deixo levar pelo prazer, me canso e privo minha alma, eu prejudico tanto a alma como o corpo. Por uma tão pequena quantidade de alegria, quantas tristezas; após tão pouco prazer, uma tão grande miséria! É igualmente desagradável me deitar ou me levantar, comer ou ganhar meu pão; as preocupações e as chateações me acompanham ao longo do dia, os receios e as suspeitas ao longo da vida. Eu sou descontente, e porque então eu devo desejar tanto viver? (1621, p. 1-3 e 5, trad. nossa)

Qualificar a existência humana como sendo essencialmente dolorosa não era prerrogativa dos ingleses. A idéia de que este mundo é na realidade um mapa universal de desconcertos e dores é mais um lugar-comum difundido no século XVII. Nele está indicado que a condição de fragilidade e instabilidade humana é motivo de dor.

Entre muitos outros, este tema estava presente nos célebres sermões do maior pregador de língua portuguesa, o padre jesuíta Antônio Vieira (1608-1696). No “Segundo Sermão da Segunda Dominga da Quaresma”, por exemplo, Vieira opõe a condição patológica do homem (sujeito a padecimentos) à glória celestial:

E lagrimas d’este mundo, ainda que fôssem de alegria e grande alegria, nunca podiam ser de pura alegria; e ainda que fôssem de gosto e de grande gosto, nunca podiam ser de puro gosto; porque no mundo não há gosto sem mistura de pesar, nem alegria sem mistura de tristeza: e semelhantes misturas de nenhum modo têm lugar no céu, onde as alegrias e os gostos, como todos os outros bens, são puros e sem mistura de mal. (1951, v. III, p. 73)

Por sua vez, a íntima relação entre a dor e a tristeza é aprofundada por Vieira em um sermão de data desconhecida, pregado no contexto socialmente conflituoso das missões do Maranhão. Padre Antônio Vieira afirma, no “Sermão da Quarta Dominga depois da Paschoa”, que a tristeza tem o poder de debilitar as forças do corpo e da alma. Ele diz que os venenos da tristeza podem perturbar o cérebro e confundir o juízo, alterar a voz e a audição, tornar os sabores amargos, escurecer a vista e enfraquecer o corpo todo até que o triste se torne um cadáver vivo: morto e insensível para o gosto e vivo e sensitivo para a dor.

Segundo Vieira, uma maior propensão à dor em relação ao prazer caracterizaria a paixão da tristeza. Tal paixão arruinaria a capacidade de sentir alegria e prazer, muito embora haja uma sutileza ao afirmar que o triste estaria mais vivo para a dor, o que talvez pudesse ser lido no sentido que confere Lambert para uma espécie de autocomplacência na dor. O que fica claro porém é que, de qualquer forma, o triste se torna pálido, encurvado, diminuído e vive recluso na escuridão: “fugindo da gente, e escondendo-se à luz, fechando portas aos amigos, e as janellas ao sol, com tedio e fastio universal a tudo que visto, ouvido, ou imaginado póde dar gosto” (ibid., v. V, p. 295).²

A associação entre tristeza e dor não é uma invenção do orador sacro, nem se restringe ao domínio da especulação teológico-filosófica. Os médicos do período também discutiam os sofrimentos impressos no corpo e na alma pelos pensamentos tristes. Girolamo Mercuriale (1597), professor em três das maiores escolas médicas italianas da época, Padova, Bologna e Pisa, afirma que não é contrário à razão nem à experiência admitir que as intensas perturbações da alma e os pensamentos tristes agem negativamente sobre o cérebro, o fígado e o estômago, estimulando a produção do humor melancólico responsável por uma tétrica disposição de todos os membros, em especial, do próprio cérebro de onde

2. Ver ainda Silva, 2000.

resulta a corrupção da imaginação e do raciocínio (cf. Mercuriale, 1597, p. 42v apud Dini, 1997, p. 42-3).³

Outras paixões da alma eram identificadas como tendo desencadeado a própria tristeza e as dores correlacionadas. Um dos temas discutidos nos meios letrados do século XVII é o mal ou a dor do amor. E, mais uma vez, não somente no campo da teologia ou da filosofia. Vários médicos chamados a acudir enfermos que sofriam de algum tipo de amor degenerado em melancolia retratam mais esta face da dor.

Alessandro Petronio, que teria prestado serviços médicos à corte do papa Paulo IV (1555-1559), relata a dramática história de uma jovem romana gravemente afetada por uma paixão amorosa proibida pela família, em seu *Del viver delli romani et di conservar la sanità*, de 1592. O estado de saúde da paciente se mostrou tão abalado que a visita do rapaz, objeto de sua paixão, foi recomendada. Quando este chegou, a moça, já muito debilitada pela tristeza, experimentou uma forte alegria, mas não resistiu e morreu. Segundo Petronio, a tristeza teria minado incuravelmente suas forças: “este afeto [a súbita e violenta alegria], que importunando tanto o ânimo daquela jovem, já arruinado e destruído pela tristeza, devido a qual esta caminhava pouco a pouco em direção à morte, encurtou o tempo e apressou a morte” (Petronio, 1592, p. 346, trad. nossa).

O médico romano explica que algumas paixões da alma podem causar estados físicos dolorosos: o ódio, a ira e as ânsias, de modo geral, ressecam e enfraquecem o corpo, apressando a velhice; já o excesso de medo pode provocar o parto prematuro e até mesmo morte súbita.⁴

Outro importante médico italiano, Bartolomeo Paschetti, aluno de Mercuriale em Padova, relata, em *De destillatione catharro vulgo dicta*, dois casos muito expressivos de como uma paixão da alma pode desencadear dores no corpo. Em um deles, trata-se de um homem que, ao se confirmar suas suspeitas dos hábitos adúlteros de sua esposa, passou a sofrer tamanhas dores que não podia mais sorrir, era atormentado por tosses e respiração ofegante, até que começou a definhar, vindo a falecer em poucos meses, com o coração sufocado por catarro.

Vale lembrar que esta explicação se fundamenta na concepção de fisiologia humana ainda vigente no período, a saber, a tradição hipocrático-galênica dos quatro humores, segundo a qual o corpo seria composto por um mistura de sangue, fleuma ou catarro, bile amarela e bile negra ou melancolia. Independente

3. Especificamente sobre as reflexões médicas a respeito das paixões tristes e a loucura ver Pessotti, 1994 e 1999.
4. Sobre as idéias de Petronio acerca dos efeitos das paixões da alma na saúde do corpo, ver Silva, mar. 2006, p. 64-75.

do que se pressupunha fluindo no interior do corpo, o relato de Paschetti registra um caso diagnosticado de complicações cardíacas então atribuídas a uma paixão dolorida.

O outro caso se refere a uma mulher, já predisposta à melancolia, que ao enviuar foi acometida de uma tristeza que a impedia de falar e dormir, tornando-se, assim, pensativa, insone e taciturna. Ela passou a sofrer de uma forte dor de cabeça cuja crescente intensidade a constrangeu a ficar acamada. Tanta dor, mais a inapetência, a tristeza e os vômitos constantes agravaram a doença com o decorrer dos dias, também acarretando a irremediável perda das forças vitais (cf. Paschetti, 1615, p. 111-3 apud Dini, 1997, p. 62-3).

Luca Tozzi (1638-1717), professor da universidade de Nápoles que se tornou também médico oficial do Reino e substituiu Marcelo Malpighi na função de médico do pontífice Clemente XI, sintetiza os efeitos nocivos e dolorosos das paixões da alma:

De fato, é evidente que do amor nascem a confusão, a loucura, a febre, a insônia, a inquietude e, por vezes, a morte.

... do mesmo modo, mais de uma vez, o ódio gerou febres e furores. Do medo derivam o resfriamento do corpo, o desfalecimento, e a perda de todos os membros; da alegria, o exaurimento das forças e a síncope. Enfim, da inveja nascem angústias, deterioração, delírios melancólicos, suspiros lamentosos e outros acidentes do gênero, sobretudo quando tais perturbações são excessivas, imprevistas e persistentes. (1681, p. 170-1 apud Dini, 1997, p. 89-91, trad. nossa)

Os médicos também relacionavam dores corporais e tormentos da alma a outras enfermidades, de algum modo, associadas à melancolia, como a hipocondria. Tradicionalmente entendida como uma indisposição dos processos digestivos, a hipocondria era considerada um mal de difícil diagnóstico por encobrir várias enfermidades e produzir uma diversidade de manifestações de difícil tratamento. Interessado em medicina legal, gravidez e parto, doenças psíquicas, impotência, simulação das enfermidades, contágio, erros profissionais, magia e dietética, Paolo Zacchia (1584-1659) atribui à chamada melancolia hipocondríaca, o temor e a tristeza, além de intolerância a alimentos, incômodos e dores estomacais, rigidez no abdômen, gases, hemorróidas, dores no peito, nas costas e na cabeça, dificuldades em ouvir e enxergar, vertigem, sono e sonhos desesperantes.

Não faltam metáforas da dor na descrição dos sonhos dos melancólicos hipocondríacos realizada por Zacchia em *De' mali hypochondriaci. Libri Tre*. Neles, cenas aterrorizantes seriam muito comuns, tais como se encontrar imerso em sangue, no meio de uma profusão de serpentes prontas para devorá-lo ou perseguido por animais ferozes. Alguns ainda sofrem de idéia fixa: acham que já

estão mortos e portanto não precisam se alimentar ou beber água; outros acreditam ter um animal vivo dentro de si, tem a convicção de possuir a cabeça composta de vidro, ou terem sido transformados em um animal como um lobo, pássaro ou urso.

A terapêutica recomendada, além dos métodos de harmonização dos sucos corporais, como sangrias e purgas, era uma mudança no estilo de vida, procurando-se pelo contrário da dor. Orientado pela perspectiva galênica dos contrários curam contrários, Zacchia sugere a alegria moderada como antídoto da tristeza e seus incômodos no corpo e na alma. O que estava de acordo com o pensamento aristotélico-tomista, que preconizava a busca do justo meio das paixões enquanto meta do hábito virtuoso. Vide *De l'usage des passions* de Jean-François Senault e *La science de l'âme* de Jacques Lambert.

Alessandro Petronio também aconselha ao paciente enfraquecido atividades prazerosas, como, por exemplo, escutar música, ter um animal de estimação, encontrar-se com amigos e até mesmo manter relações sexuais (exclusivamente aos homens adultos e casados, com idade entre 21 e 35 anos, e de modo moderado) porque desfrutar de um objeto desejado ou simplesmente de um substituto deste objeto geraria saúde, do mesmo modo que ter um desejo frustrado provocaria um mal-estar.

Não se trata, porém, de um expediente autorizado apenas pela cultura italiana. Para o médico francês André du Laurens (1558-1609), que acumulou os cargos de chanceler da Universidade de Montpellier e médico dos soberanos da França, Maria de Medici e Henri IV, dependendo do estado d'alma, convém também propor objetos agradáveis a fim de estimular a visão, a audição, o olfato e o paladar. Por isto, em seu *Discours de la conservation de la vue, des maladies melancholiques, des catarrhes, & de la vieillesse*, ele prescreve para os estados frios e insensíveis, belas mulheres, pedras preciosas, músicas, elogios, perfumes e alimentos de gosto intenso.

Aliás, um modo de vida equilibrado porém descontraído também era visto como uma alternativa para enfrentar os sofrimentos causados por paixões da alma ou outras perturbações. Giorgio Baglivi (1696), médico e membro da *Royal Society*, da *Accademia naturae curiosiorum* de Erfurt e da *Accademia dei Fisiocriti* de Perugia, chegou a afirmar que uma certa negligência da vida pode ser mais importante que uma dieta sadia, citando os camponeses que comem muito, mas digerem bem, e sabem expulsar da alma os sentimentos de dor e as ânsias com uma certa “noncuranza della vita” (cf. Baglivi, 1696, apud Dini, 1997, p. 126-9). Ou seja, para lidar com a dor é necessário distanciar-se o quanto possível das preocupações, ou mesmo da própria vida, já que é uma paixão do ser humano.

Mas a dor enquanto paixão pode também ser paixão pela dor? As obras consideradas até aqui não permitem responder esta questão. Propõe-se, para tanto,

um paralelo com o pensamento freudiano, que embora faça parte de um outro tempo e universo conceitual, também não dissocia dor do corpo e dor da alma.

Em “O problema econômico do masoquismo”, de 1924, Freud afirma que a dor e o desprazer podem ser mais do que um simples alarme e tornar-se um fim em si mesmo. O chamado masoquismo poderia se manifestar como condicionante da excitação sexual, aspecto da feminilidade ou norma da conduta moral. Esta dimensão moral seria a mais importante na medida em que a fantasia sexual dos maus-tratos equivaleria à punição de um ato infantil reprovável, indeterminado ou não.

Querer ser tratado como um “menino mau”, bem como todo martírio de si mesmo, pode estar associado ao sentimento inconsciente de culpa. Assim, alguns padecimentos que a neurose traz consigo podem também intentar conservar certa medida de dor, muitas vezes intensificada pelo sadismo do super Eu. A paixão pela dor seria um pedido de castigo de uma infração supostamente cometida no passado e que a anacronia da neurose insiste em manter viva.

Este imperativo da neurose faz lembrar as palavras de Senault sobre a finalidade da dor, sobretudo ao rebater as críticas dos que afirmavam ser inútil afligir-se por um mau que não existe mais, fazendo-o reviver: “Assim a Penitência não é de modo algum criticável se, não podendo impedir um crime já cometido, ela se abandona à dor, e, não encontrando meios de reparar sua ofensa, ela testemunha o ressentimento por meio de seus suspiros” (Senault, 1641, p. 349, trad. nossa).

Ao mesmo tempo, o masoquismo moral é considerado por Freud um testemunho da existência da mescla ou fusão das pulsões. Ao integrar a significação de um componente erótico, a destruição do indivíduo por si próprio não pode ter efeito sem uma satisfação libidinosa. A partir de “Além do princípio de prazer”, 1920, Freud trabalha com a hipótese de uma mistura ainda mais tensa de dor e gosto.

Neste caso, é o enigma tão bem enunciado por Robert Burton (1621) que parece persistir: se a vida é dor, por que então é insuportável pensar no seu fim? Interessante notar que Freud (1920, p. 2526) observa também que o organismo quer morrer, mas apenas à sua maneira.

Berlinck (1999) afirma que esta perspectiva apresentada por Freud revela um problema ao psicanalista, uma vez que, mesmo sendo possível criar condições para a construção de uma experiência da dor, ela resiste a qualquer interpretação devido à natureza mesma das pulsões.

Em suma, pensar a dor enquanto paixão é pressupô-la, conjuntamente ao prazer, na origem dos movimentos da alma. Dor e prazer podem estar na gênese de uma paixão, a dor pode ser uma paixão propriamente dita ou identificada à mesma, como é o caso da tristeza, ou ainda pode ser conseqüência de uma paixão,

como ocorre no amor. Sendo própria do humano, tem inclusive a função de torná-lo sensível ao sofrimento de seu semelhante. Entretanto, uma paixão pede uma ação; já que é indestrutível, resta saber se é possível transformar a dor.

Referências

- BERLINCK, Manoel Tosta (org.) *Dor*. São Paulo: Escuta, 1999.
- BURTON, Robert (1621). *The Anatomy of Melancholy*. T. C. Faulkner, N. K. Kisslong, R. L. Blair (eds.). Oxford: Clarendon Press, 1989.
- DINI, Alessandro. *Il medico e la follia. Cinquanta casi di malattia mentale nella letteratura medica italiana del Seicento*. Firenze: Le Lettere, 1997.
- FREUD, Sigmund (1920). Mas alla del principio del placer. In: *Obras Completas*. Madri: Biblioteca Nueva, 1981. Tomo III, p. 2507-41.
- ____ (1924). El problema economico del masoquismo. In: *Obras Completas*. Madri: Biblioteca Nueva, 1981. Tomo III, p. 2752-9.
- LAMBERT, Jacques. *La science de l'âme consacrée à l'honneur de la Vierge Mere de Dieu, par divers Discours appliquez aux Perfections de son corps & de son Esprit, et aux avantages qu'elle en a tirés pour l'exercice de la Theologie Mystique*. Lyon: François Combra, 1666.
- LAURENS, André. *Discours de la conservation de la vue, des maladies melancholiques, des catarrhes, & de la vieillesse*. Rouen: Lovys Laudet, 1630.
- MASSIMI, Marina e P. J. C. Silva (orgs.). *Os olhos vêem pelo coração. Conhecimentos psicológicos das paixões na cultura luso-brasileira dos séculos XVI e XVII*. Ribeirão Preto: Holos, 2001.
- PESSOTTI, Isaias. *A loucura e as épocas*. São Paulo: Editora 34, 1994.
- ____ *Os nomes da loucura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- PETRONIO, Alessandro. *Del viver delli romani et di conservar la sanità*. Roma: Domenico Basa, 1592.
- SENAULT, Jean François (1641). *De l'usage des passions*. Paris: Fayard, 1987.
- SILVA, Paulo José Carvalho. *A tristeza na cultura luso-brasileira. Os sermões do padre Antonio Vieira*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.
- ____ O tratamento das paixões da alma nos primórdios da medicina moderna: o *De victum romanorum* de Alessandro Petronio. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. IX, n. 1, p. 64-75, mar./2006.

SIRAISI, Nancy. *Medieval & Early Renaissance Medicine. An Introduction to Knowledge and Practice*. Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 1990.

TALON-Hugon, Carole. *Les passions rêvées par la raison. Essai sur la théorie des passions de Descartes et de quelques-uns de ses contemporains*. Paris: Vrin, 2002.

VIEIRA, Antonio. *Sermões*. Porto: Lello e Irmão, 1951, 15 vs.

ZACCHIA, Paolo. *De' mali hipochondriaci. Libri tre*. Veneza: Paolo Baglioni, 1655.

Resumos

Nos proponemos hacer un análisis de las nociones de dolor en tanto pasión presente en algunos escritos expresivos del pensamiento pre-cartesiano y de la medicina anterior a las especializaciones contemporáneas. En suma, el dolor sería una pasión propia del ser humano que se manifiesta en el cuerpo y en el alma, siempre referida o mezclada al placer que por definición es su contrario. Nos proponemos hacer también un breve paralelo con el pensamiento freudiano sobre el dolor.

Palabras claves: Dolor, pasiones del alma, historia de la psicopatología, pulsión

Le but de ce travail est d'analyser les notions de douleur en tant que passion présente dans quelques expressions de la pensée pré-cartésienne et de la médecine qui précède les spécialisations contemporaines. En somme, la douleur serait une passion propre à l'être humain qui se manifeste dans le corps et dans l'âme, toujours en référence ou mélangée au plaisir, son contraire par définition. Cet article propose d'ailleurs un bref parallèle aux idées freudiennes sur la douleur.

Mots clés: Douleur, passions de l'âme, histoire de la psychopathologie, pulsion

The aim of this article is to analyze the notion of pain as passion. This point can be found not only in certain pre-Cartesian writings, but also in medical works written before today's specializations were developed. According to these writings, pain can be seen as a specifically human passion manifested in the body and the soul. It has always been related to or mixed with pleasure, its opposite by definition. The article also presents a brief commentary on Freudian ideas about pain.

Key words: Pain, passions of the soul, history of psychopathology, drive